

ATA DA SEGUNDA MILÉSIMA VIGÉSIMA QUINTA CARTOGRAFIA GEOPOLÍTICA DE GAIA

ASSENTANDO EXU E AS CIÊNCIAS DIVINATÓRIAS COMO POTÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS

DÉA TRANCOSO

Pós-doutoranda em Educação em Ciências na Amazônia, pela Universidade do Estado da Amazônia/UEA/CAPES, com a pesquisa "A lembrança de si mesmo: parresia artística em Exu - subjetividades dissidentes, docências ativas" (em andamento). Doutora em Educação pela Unicamp, linha "Arte e Linguagem em Educação", com a tese "Catimbó Zen – Existências Compartilhadas: uma Filha da Folha e os Exus Zambarado e Calunga, da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura". Pensadora, pesquisadora, ensaísta, atriz e cantautora, com 35 anos de ofício artístico e científico, Déa Trancoso produz ressonâncias entre arte, clínica, educação, alegria e cura, a partir da filosofia como modo de vida, do conhecimento mágico antigo e das ciências divinatórias.

O ensaio parte de um pedido do Exu Zambarado: que o ato de pensar se converta instantaneamente no ato de entrar em acontecimento pela arte da intuição (a *terceira via* de Spinoza). Essa terceira margem advoga a filosofia como modo de vida e instaura o corpo taru andé radicalmente vivo para criar outras condições de existência: gerar potências e abrir brechas que confabulem (com as ciências divinatórias ancestrais) ontologias, epistemologias, metodologias e linguagens contracoloniais para a produção de conhecimento sobre a vida humana na face da terra. Uma terceira margem cheia de telurismos francamente medicinais que modulam faixas de realidade mais justas, mais fraternas, mais bonitas. Esses são os novos atos políticos que a *Era de Aquário* nos exigirá.

exu, ciências divinatórias; subjetividades dissidentes, corpo taru andé radicalmente vivo, filosofia como modo de vida.

Introdução

Paradigma.

Essa palavra – muitas vezes restrita aos círculos acadêmicos da produção de conhecimento – é velha conhecida de uma ciência que não faz parte do rol das disciplinas disponíveis nas universidades: astrologia. O motivo da ausência talvez seja porque a astrologia é, como diz Emanuele Coccia, contrariando o desonesto senso comum de seus detratores, uma ciência do chão, uma ciência que fala da intimidade entre as coisas da terra e as coisas do céu: da movimentação ressonante de tudo que está embaixo com tudo que está em cima.

A movimentação de tudo que está embaixo com tudo que está em cima ou vice-versa é o clássico emblema do *conhecimento mágico antigo*/
CMA¹ que, por razões óbvias, possui muitos inimigos no *sistema-mundo*², afinal colabora para que o grau de amizade entre o espírito humano e Gaia (o espírito da terra) aumente a cada movimentação do movimento. Desse grau, cada vez mais aumentado de amizade, brotam novas *subjetividades dissidentes*³ criadoras e ativadoras de outros *modos de existência*⁴ mais inapreensíveis e mais vivos, dispostos a modular outras realidades, a fabricar outros mundos possíveis.

Durante quase todo o tempo da nossa convivência, o Exu Zambarado chamava a minha atenção para o termo *paradigma*. Hoje, mais hábil na

1 Conjunto de disciplinas que compõem o que Giorgio Agamben chama de “ciências divinatórias”. Nos seus estudos sobre o método, Agamben sugere por quais caminhos devemos andar na hora de pesquisar em ciências humanas e sociais, entre eles, as assinaturas mágicas das “ciências divinatórias”: geomancia, quiromancia, fisiognomonia, hidromancia, piromancia, necromancia, astronomia e astrologia. “É na astrologia, por exemplo, que a tradição mágico-médica funda as suas raízes” (Agamben, 2019, p. 76). A astrologia é considerada por ele uma assinatura (portanto, um conceito) privilegiada e derivadora.

2 Conceito de Walter Mignolo que classifica o capitalismo como um moderno sistema colonial.

3 Conceito de Deleuze&Guattari para falar de movimentações/corpos que conseguem escapar/dissidir (se não dos sutis movimentos prévios da captura e do escaneamento) pelo menos da sedação, opressão, repressão e sabotagem do hipercapitalismo.

4 Étiene Souriau diz que os *modos de existência* insistem no corpo e que os artistas, os pensadores, os filósofos e os escritores são grandes criadores de preexistências (os terrenos, ambientes e arquiteturas necessárias à existência dos modos). Souriau chama a atenção para o fato de que “a força de um modo de existência é o problema, a questão, e que se quisermos ver os mais belos reinos se abrirem em profundidade, é necessário correr riscos e correr esses riscos toda vez. Sempre. É necessário se tornar uma Morgana, a deusa com extraordinários poderes de mudar de forma. Os *modos de existência* se fabricam e são sempre luminosas soluções para um problema, uma questão, uma demanda. Eles são a soma de exigências espirituais para elevação de um ser a um estar” (Souriau, 1939, p. 353, tradução minha). O Exu Zambarado diz que modos de existência são processos de iniciação à liberdade, alando o corpo de asas que sempre foram suas.

arte de *lavar as palavras*, presente que ganhei de Gilles Deleuze, vejo que, de fato, a “mudança de paradigma”, frase habitual dos corredores e dos textos da academia, parece estar incrivelmente ligada à astrologia.

Mas, o que é uma mudança de paradigma?

É algo que traz na sua estrutura algum poder para alterar a tônica civilizatória, mesmo que nós não tenhamos capacidade contemporânea para ver e examinar a densidade e o alcance dos fatos. Pelo que tenho observado, pesquisado e estudado, esse algo é, geralmente, um *acontecimento* que fratura o espaço-tempo, expondo seus ossos para fora da banalidade corriqueira, deslocando os pontos de onde se olha e ampliando os modos de se olhar. O *acontecimento*⁵ produz fissuras importantes em vários níveis: ontológico, epistemológico, metodológico, social, político e espiritual. O poder autóctone e alóctone de alteração do *acontecimento* está na *dupla estrutura*⁶ de seu enunciado. Zambarado me disse, certa vez, que se deve triplicar a atenção nos momentos em que a dupla estrutura do acontecimento fica visível a ponto de os olhos enxergarem suas pontas principais (vida e morte) nas extremidades do mesmo diâmetro e uma inquietante sensação física indique que o velho está morrendo, mas o novo ainda não encontrou jeito de nascer.

De maneira bastante evidente, os eventos capazes de mudar rumos na civilização têm sido produzidos por disputas de poder político, militar e de mercado. Foi assim que o *sistema-mundo* se constituiu e é assim que ele se alimenta e se mantém em curso.

Tomemos alguns exemplos:

Anos 113

Império Romano x Armênia e Império Parta ou Arsácida (Irã).

Anos 411/412

Bárbaros Visigodos x Império Romano.

Anos 709/710

Califado Omíada (exército islâmico) x Reino Visigótico da Espanha.

Anos 848/849

Muçulmanos x Cristãos na Região do Mediterrâneo.

Anos 1146/1147

Segunda Cruzada (França e Alemanha) x Turcos Muçulmanos.

5 Em Gilles Deleuze, é aquilo que fratura e atravessa o cotidiano ordinário das coisas.

6 Em Deleuze e Exu Zambarado: morte e vida visíveis num mesmo arco de espaço-tempo.

Mas, e a astrologia, onde entra?

Nos eventos acima, havia o que a astrologia antiga chama de conjunção de planetas maléficos (Saturno e Plutão). Desde 2020, há o que os astrólogos chamam de tríplice conjunção: Júpiter, Saturno e Plutão – esperada, desde 2012, por estudiosos do assunto. Tomando a liberdade de emprestar palavras a estes planetas, eu diria que Júpiter é aumentador, Saturno é medidor e Plutão é matador⁷. Segundo Zambarado, a terra estará sob a dinâmica dessa equação entre 2020 e 2044, justamente durante a estadia de 20 anos de Plutão nos sentidos de Aquário.

Júpiter leva 11,9 anos para dar uma volta em torno do sol. Saturno leva 29,5 anos. Plutão leva aproximadamente 248 anos. Desse modo, uma leitura possível é a de que Júpiter roda ao sabor das articulações produzidas por quem lhe faz companhia, Saturno age sobre as relações da pessoa com o espaço-tempo e Plutão rege o paradigma e age sobre o modo-mundo, descrevendo um diâmetro maior em altura, largura e tempo.

Se considerarmos os 248 anos da volta solar de Plutão, 35 parece pouco tempo. Mas, talvez, para a apreciação profética do texto “As três ecologias” que Guattari escreveu há 35 anos seja um bom tempo. Nele, o autor examina, minuciosamente, um recorte situado nos arredores de 1989, para trás e para frente: Chernobyl, aids, novas potências industriais (Hong Kong, Taiwan, Coréia do Sul), conflitos do Leste Europeu, estroboscopias da era do computador etc. E, também, formações de poder: os poderes constituídos do que ele chama de *capitalismo mundial integrado/CMI* (e Antônio Negri e Michel Hardt, de *império etéreo*) e os poderes teleguiados das sociedades, comunidades, tribos e outras minorias inclassificáveis (que Negri&Hardt chamam de *multidão*).

Os poderes do *CMI*, regulados de maneira unívoca (o padrão da lógica dominante), ampliavam, com força estruturante, o controle dos corpos humanos, através da captura das subjetividades e das suavidades por meio da tecnologia/algoritmo, já apropriados pelo *CMI* desde o nascendouro (ciência, política e jurisprudência). Os poderes da *multidão* estão (desde sempre) estrategicamente agenciados e divididos (na separação de que fala Exu e Michel Foucault). É grave: as potências revolucionárias

7 Ou ainda: Plutão está sentado no topo da cabeça da terra, comprimindo-a para mortes e renascimentos. Saturno é o longo prazo. Júpiter é o fio da navalha: expansão e encolhimento com poder de catástrofe. Assim será 2020-2044: Plutão e Saturno endurecem os espaços-tempos e Júpiter vai tentando soprar uma brisa que pode virar um furacão: parece realmente grave.

das subjetividades e das linguagens da *multidão* são manipuladas, com excelência acachapante, pelos poderes majoritários e parte significativa dela, chamada “multidão pensante”, despreza as miudezas subjetivas de um corpo no mundo como produtoras do ato político.

Sobre isso, essa passagem de Deleuze&Guattari, em “Mil platôs 4”, é desconcertante:

Uma criança está só num quarto escuro e com muito medo. De repente, ela descobre que pode cantar. Depois, descobre que pode escolher uma determinada canção. Na sequência, ela canta a canção, baixinho e continuadamente. A canção, o corpo, a voz, o canto, o sopro e o vento produzidos pelo canto são suas revoluções, suas micropolíticas, suas maneiras de proteger, num círculo fechado e provisório, aquilo que será imprescindível para tarefas a serem cumpridas, mais tarde, na face da terra. A isso eu chamo de subjetividade dissidente: a que está fora do alcance do CMI, a que desintoxica o discurso sedativo do CMI. Uma micropolítica cheia de uma nova suavidade impossível de ser capturada pelo CMI, pois – primeiramente e basicamente –, o CMI não entende nada de suavidade (Deleuze&Guattari, 2012, p. 116).

O *sistema-mundo* não entende de suavidade. O *sistema-mundo* entende de guerra: de guerra cotidiana. Assim, já não interessa muito, por exemplo, que o Corona Vírus possa ter sido forjado num laboratório da China, que disputa com os Estados Unidos narrativas políticas, militares e de mercado (especialmente tecnologias), porque a guerra clínica que ele, supostamente, protagoniza, segundo as turbulentas narrativas que atravessam os nossos estilhaçados tempos, não é a guerra principal. A guerra principal é cada vez mais subjetiva, bioluminescente, sem derramento de sangue e, sobretudo, comezinha: desterritorializada e reterritorializada de acordo com a agenda de sobrevivência e expansão de um invencível hipercapital.

Em “A trégua”, Primo Levi conta que, quando voltava de Auschwitz, um sobrevivente grego o interpelou, perguntando: “o que é mais importante na guerra: sapato ou comida?”, ao que Levi respondeu: “senhor, a guerra já acabou”. Mas, o grego lhe sorriu, abrindo: “não se engane, guerra é sempre”. O *sistema-mundo* mata e/ou manipula, através das máquinas de guerra do CMI, todo e qualquer corpo dissidente, toda e qualquer coisa ativa, toda e qualquer suavidade. A própria natureza, o grande corpo indômito da terra, agoniza, já mercantilizada de A a Z.

Friedrich Nietzsche postulava que a guerra civil é a matriz principal do exercício de poder. Achille Mbembe postula que a política é a “guerra sem fim”. Michel Foucault diz que “governar é, acima de tudo, dividir a multidão”. Exu sempre chama a atenção para o fato de que a governabilidade, então, se dá na produção da ideia de separação e divisão (para ele, a coisa nefasta e o nosso grande déficit]), além de nos lembrar de que os poderes majoritários também sabem criar suas próprias brechas como

no espantoso exemplo dos militares de Israel que, em 2002, utilizaram conceitos deleuzeanos, numa operação de guerra, avançando sobre os inimigos em Nablus (via túneis), a partir de microtáticas de intervalos. Eles leem Gilles Deleuze e levam a sério, muito antes de *levar a sério*⁸ se tornar um conceito central da filosofia advogada por Isabelle Stengers.

Mas, voltemos à desconcertante de suavidade levada a sério em ressonância do que está em cima com o que está embaixo. O escritor Albert Camus conta que um acontecimento de sua infância seguiu salvando sua existência, assim como a proposta contida em “O recado do morro”, de Guimarães Rosa. Quando tinha sete anos, o escritor costumava subir no telhado de sua casa para “sentir” a conexão entre a terra e o céu que, para ele, era o vento. Mais tarde, já “escrevendo a vida”, como costumava responder, quando lhe perguntavam o que estava fazendo da vida, ele confessou que a sensação se tornou um modo de compreender, entre outras coisas, que o ser revolucionário aparecia primeiro dentro da suavidade do coração e, muito depois, na dureza das trincheiras. Em entrevistas, afirmou, diversas vezes, que a sua literatura era a busca de partilhar o que fora produzido entre seu corpo e o vento. A sua literatura seria, então, segundo ele, uma escrita furiosa das suavidades daquele vento lhe atravessando a nuca nos encontros que aconteciam no telhado de sua casa, seu reino intermediário entre a terra e o céu.

Ainda tem mundo para a gente seguir?

Auguste Blanqui, proletário e escritor (como ele mesmo se apresentava), a quem Karl Marx considerava a cabeça e o coração do partido proletário da França, foi capturado durante a Comuna de Paris (a mítica revolução, abortada de modo sangrento) e passou 37 dos seus 76 anos preso nas masmorras. De lá, escreveu, em 1872, um dos textos mais controversos das ciências políticas, ainda muito desconhecido, visitado apenas por alguns pensadores (entre eles, Walter Benjamin e Jacques Rancière) e, mesmo assim, com recortes do que eu chamaria de tendência materialista de abordagem porque admitir a astrologia como ciência que produz conhecimento legítimo sobre a vida na terra desde os sumérios, acádios e mesopotâmios segue sendo inaceitável até hoje.

O mundo marxista da época aguardava análises políticas das demandas da revolução e da luta de classes. Entretanto, o livro de Blanqui, “A eternidade segundo os astros”, discorre sobre astrologia e astronomia,

⁸ Singelo conceito de Isabelle Stengers pensado de modo mais especial para a crise climática mundial: não basta apenas pensar sobre a questão ou fazer reiteradas cartas internacionais de intenções. É necessário algo mais cru: simplesmente, de fato, levar a sério.

passeando nos seus fundamentos: a formação e o funcionamento do cosmos, as intimidades compreensíveis e incompreensíveis da amizade entre o céu e a terra, as divergências do nosso DNA com o DNA do sol, as linhas híbridas que cruzam o corpo humano – essa grande aventura que segue surpreendendo com seu cérebro ainda tão desconhecido quanto o próprio cosmos.

Segundo Blanqui, o cosmos trabalha com 100 materiais originais simples e cria a eternidade ao repeti-las infinita e sofisticadamente. Para ele, a carne humana é fruto de divergências químicas e físicas entre os inúmeros sóis cósmicos. A terra tem outras sósias onde moram outros sósias de cada um de nós. Nós somos passantes, mas o cosmos submete os originais e as cópias à sua repetitiva e mortal eternidade. A tese de Blanqui se aproxima da *Samsara*, a figura de linguagem da cosmologia oriental que vê o mundo como uma roda infernal que nunca para: corpos entram e saem de seu movimento ininterrupto, estressante e cansativo.

Mas, qual é e onde estaria a nossa chance de insurreição?

Para Exu, Deleuze&Guattari e deleuzeanos: sempre no intervalo, na fissura e na brecha. Para Emanuele Coccia, na astrologia como uma pedagogia da terra que ensina a abrir intervalo, fissura e brecha. As combinações entre os dados das repetições tanto de Blanqui quanto da *samsara* poderão criar algumas venturoosas bifurcações. Isso que está no subtexto de Blanqui (como força do acaso) está no texto explícito de Deleuze&Guattari&Exu (e na cartilha da *samsara*) como sendo uma vocação do corpo humano: criar intervalo, fissura e brecha – rachaduras por onde possamos exercer a dissidência e a suavidade de que falam Deleuze&Guattari, brechas por onde o corpo *taru andé radicalmente vivo*⁹ navegará. Ou seja, a bifurcação não pode ser apenas uma prerrogativa de precisão militar do *CMI* em Nablus. Ela é, também, a capacidade que os Yanomamis têm de sonhar como um ato político para advogar a contraguerre e a vida. Ela é, também, a construção de modos mínimos de existência de que fala Étienne Souriau para enfrentar a hecatombe climática do governo dos sem alma. Ela é, acima de tudo, a parresia artística de Exu com sua produção de brechas.

E é, aqui, que eu queria chegar: no deslocamento do ato político-revolucionário.

⁹ *Corpo taru andé* é um conceito do Povo Krenak, trazido pela voz coletiva de Ailton, que propõe o corpo que canta, dança e flui com a terra como a única tecnologia capaz de suspender o céu e nos livrar das catástrofes, perseverando a vida. O sufixo *radicalmente vivo* foi acrescentado por Monja Lib (um *modo de existência meu*, instaurado em *existência compartilhada* com o Exu Calunga da Calunga Grande). *Corpo taru andé radicalmente vivo* é uma subjetividade ativa/dissidente.

Na brecha artística de Exu, podemos ver a tremenda tolice que é esperar da geopolítica um salvo-conduto.

Podemos utilizar a força contida nessa brecha artística de Exu para trabalhar o epigenoma para produzir potência de vida como uma jurisprudência comunista da *Era de Aquário*¹⁰, esquentando, novamente, nossa amizade e nossa intimidade com a terra. A *Era de Aquário* tem uma imagem e essa imagem é a floresta. A floresta é o paradigma da tão esperada *Era de Aquário* cuja carta sinótica mostra o cruzamento infinito, à la Blanqui, das quatro linhas mestras do quadrante cósmico ao qual Gaia pertence: maravilha, lisergia, encantaria e simbiose.

A floresta comunista (simbiose de maravilha, lisergia e encantaria) é cheia de intervalo, fissura e brecha: passagens de luz e sombra: constrangedoras misturas: diferenças que convivem em paradoxais intimidades: veneno e cura: suavidade e furacão. Na floresta coabitam todas as misturas que contêm todas as viradas ontológicas, metafísicas, epistemológicas, metodológicas e linguísticas prontas para explodir e sacudir a humanidade a qualquer momento.

Mas quem advogará a floresta?

Seremos capazes de enfrentar a holding do crime que administra a Floresta Amazônica para advogá-la?

Quando vamos *levar a sério* a catástrofe climática que já se instalou no Brasil e no mundo?

Quando vamos *levar a sério* a parresia artística de Exu (com sua filosófica produção de brechas) como emergência ontológica, epistemológica, metodológica e linguística para enfrentar as misérias do hipercapitalismo?

A taxação das grandes fortunas poderia ser a primeira (alter)ação da mudança de paradigma plutônica 2020-2044?

Ainda tem humanidade ou, como concluem o xamã Davi Kopenawa e o cientista político Achille Mbembe, nunca teve?

10 Aquário, portador da água (espírito da terra), é chamado pela antiga mitologia egípcia de “o comunista”. Se juntarmos essas duas visões, veremos que a aclamada *Era de Aquário* de que falam os astrólogos, desde Paracelso, vai botar a mão na ferida exponencial das desigualdades sociais produzidas pela civilização. Pela realidade climática que o planeta enfrenta, agora, a conta parece ser bastante cara. Talvez, somente os povos originários ao redor do mundo possam nos dizer como pagar (e se ainda há tempo hábil para isso).

Pier Paolo Pasolini dizia que não é necessário apagar apenas os holofotes dos fascistas, mas as bioluminescências do fascismo em nós. D. H. Lawrence, a quem Deleuze amava, diz que no corpo humano moram a pequena e a grande vida e que se a gente não colocar a vida menor na roda da vida maior, tudo vira desastre. Seguindo a lógica de Lawrence, eu ainda sonho (de olho aberto e fechado) com a astrologia ocupando agendas acadêmicas e políticas, deslocando, como uma potente ciência kafkiana (menor e intempestiva), ontologias, epistemologias, metodologias e linguísticas, auxiliando na produção de realidades mais fraternas, mais justas, mais bonitas.

O império tem um maquinário de guerra. E nós?

Quais são as nossas micropolíticas de contraguerra?

Foucault diz que a nossa grande inventividade é o corpo-guerrilha que, em escala diminuta, aprende a dissidir e produzir suavidades heterotópicas, ou seja, não a utopia de um mundo melhor, mas outros corpos melhores no mundo, (re)embaralhando as cartas do jogo perverso que só sabe lidar com os corpos aprisionáveis e visíveis, virando um ninguém sem identidades representativas para enfrentar o Estado, como quer Giorgio Agamben: um ninguém não rotulável, não aprisionável, não manipulável, produtor de brechas por onde possa escapar e se tornar uma *ecologia estranha* menos consumista, mais lisérgica, mais delirante, mais astrológica, mais de telhado (fluindo entre o céu e a terra).

Ainda tem mundo para a gente seguir?

Não sei.

O que podemos observar é que o paradigma está mudando.

Finalmente, o século 21 começa a dar as caras, gritando que a falta de amizade e de intimidade entre nós e a terra já está nos custando muito caro. A conta é caríssima, segundo Exu, pois “a natureza não perdoa nunca”. A noção construída pela cultura¹¹ de que a terra é nossa mãe não parece correta ao Exu Zambarado. Para ele, a terra não é nossa mãe e nem o céu é nosso pai. A terra, o céu, os humanos, os não humanos e tudo o mais são corpos de um cosmos gigante, desconhecido e assustador que, até agora, só nos deixou ver irrisórios 4% de sua estrutura. Toda a sofisticada tecnologia construída pelos humanos é fruto desses ínfimos 4% e ainda não conseguiu combater suas indecências mais fatais: as desigualdades, as violências, as guerras, a fome, os preconceitos, os racismos.

11 Cultura, aqui, como a imposição do humano sobre todas as coisas.

Então, o que é o cosmos?

Um emaranhado de elétrons cuja vocação é esperar o nascimento e a morte de estrelas? Não sabemos e, talvez, não saberemos nunca.

Entretanto, podemos tirar algumas lições dessa nossa “convivência com ele. Exu diz que estar na terra requer a lembrança diária de três coisas preciosas.

A primeira: Gaia está suspensa no ar e esse fundamento nos ensina sobre a indeterminação da sua estrutura, da **movimentação ininterrupta do seu (e do nosso) movimento.**

A segunda: o que talvez diminua os efeitos colaterais da *intrusão de gaia*¹² sobre nós é a coabitação e a coexistência, coisas desprezadas pelos humanos.

A terceira: para plantar o céu aqui no chão é necessário ver que o céu não é o paraíso. Ele é o abismo sobre as nossas cabeças e, no abismo, não há possibilidade de criar raízes: estamos pendurados em constante trânsito de um burburinho incessante e ensurdecedor.

A quarta é minha: se a terra e o céu estão irremediavelmente juntos, nós teremos que esticar o Copérnico que virou clichê (*estamos, aqui, de passagem, nada é nosso*) para *nós estamos aqui e, se somos a própria passagem, tudo é nosso*.

E isso é sobre Saturno e Plutão: a alegria que é estar aqui produz uma responsabilidade de estar aqui que deve produzir habilidades em estar aqui.

E o que é estar aqui?

Perseverar a vida.

Coisa, também, desprezadíssima.

Se na terra só é possível estar, então, para estar na terra, é obrigatório aceitar que o verbo estar pressupõe coexistir e coabitar.

A quem interessa que a gente não saiba mais estar, coexistir e coabitar?

A quem interessa que a gente não saiba produzir intervalo, fissura e brecha?

12 Conceito de Isabelle Stengers que abrange toda sorte de catástrofes climáticas e extinção de espécies, pensado a partir de seu pensamento mais corajoso: “a terra é indiferente aos humanos”.

Ainda tem mundo para a gente seguir?

Não sei.

Félix Guattari é categórico:

A catálise da retomada de confiança da humanidade será forjada a partir de subjetividades dissidentes, a partir de suavidades mais minúsculas (Guattari, 1992, em entrevista para a TV Grega).

Quais são os seus minúsculos? Dê passagem a eles.

Eles são os maiores atos políticos agora.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum: sobre o método*. São Paulo: Boitempo, 2019. 176 p.
- BARBBAULT, Anne. *Introdução à Astrologia*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. 301 p.
- BLANQUI, Auguste. *A eternidade conforme os astros*. São Paulo: Iluminuras, 2018. 136 p.
- CALUNGA DA CALUNGA GRANDE, Exu. *Cadernos de sábado: vida, sonho e filosofia*. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 2014-2023, vol. 1-11. Org. Déa Trancoso&Monja Lib. 430 p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro: notas sobre o catimbó no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1951. 196 p.
- CASTIANO, José P. *Referenciais da filosofia africana*. Maputo: Sociedade Editorial Ndjira, 2010. 253 p.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos*. São Paulo: Cadernos de Campo/USP, 2007. 20 p.
- COCCIA, Emanuele. *Astrologia do futuro*. <https://grupoflume.com.br/index.php/2020/11/07/a-astrologia-do-futuro-de-emanuele-coccia-versao-em-portugues/>.
- DELEUZE, Gilles. *Imanência: uma vida*. <https://sergiolimanastasi.wordpress.com/2011/11/19/o-ultimo-texto-de-gilles-deleuze-a-imanencia-uma-vida/>.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs, Volume 4*. São Paulo: Editora 34, 1997. 207 p.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 432 p.
- _____. *O corpo utópico: as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013. Edição bilíngue. 29 p.
- GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas: Papirus, 1990. 56 p.
- _____. Entrevista completa para a TV Grega: <https://www.youtube.com/watch?v=tJy3BCn8NeE>.
- INGOLD, Tim. *Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia*. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21690/15179>.

JAOUI, Laurent. *Albert Camus, o filme* : <https://www.youtube.com/watch?v=szc0OBcmzM8>.

KRENAK, Ailton. *Colóquios com Sidarta Ribeiro*: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>.

_____. *Conversas com Viveiros de Castro*: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>.

_____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 90 p.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 729 p.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: N-1 Edições, 2017. 128 p.

MIGNOLO, Walter. *O pensamento descolonial: desprendimento e abertura*. Bogotá: Universidade Central, 2007. 135 p.

NEGRI, Antônio; HARDT, Michael. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005. 501 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Lafonte, 2017. 287 p.

NOVELLO, Mário. *O universo inacabado: a nova face da ciência*. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

SOURIAU, Étienne. *Diferentes modos de existência*. São Paulo: N-1 Edições, 2020. 192 p.

SPINOZA, Baruch de. *Ética*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 240 p.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify. 2015. 160 p.

_____. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. 208 p.

TRANCOSO, Déa. *Catimbó zen: existências compartilhadas – uma filha da folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura*. Tese de doutorado. Unicamp. 2024. 393 p.

ZAMBARADO, Exu. *Cadernos de trabalhos de mato: filosofia como modo de vida*. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 1995-1999, vol. 1-16. Org. Déa Trancoso&Bemtevi. 480 p.

ZAMBARADO, Exu. *Cadernos de sonhos: a lembrança de si mesmo – práticas cotidianas de água serenada*. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 1995-1999, vol. 1-16. Org. Déa Trancoso&Bemtevi. 430 p.

ZÉ MULATINHO, Exu. *Processos ancestrais de cambonagem para Exu*. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 2012. Org. Déa Trancoso&Papoula. 21 p.

ZÉ PELINTRA, Exu. *Colóquios breves: pequenas notas supervisadas por Tranca Ruas*. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 2022. Org. Déa Trancoso&Nordestina. 11 p.